

Antídotos contra la mala leche

(*Antídotos contra o leite ruim*)

(*Antidotes against bad milk*)

Livro resenhado: TRUJILLO, Gracia. *El feminismo queer es para todo el mundo*.

Madrid: Catarata, 2022.

João Manuel de Oliveira¹

O novo livro de Gracia Trujillo, centrado nas propostas do feminismo queer, é indissociável do debate sobre essencialismo e as posições controvertidas de um campo que tenho dúvidas em chamar feminista. Dito de outro modo, um campo de ativismo e de produção de saberes centradas numa determinada ideia de um corpo de mulher, reconhecido por elas como nascida mulher, por oposição a uma ideia de mulher que passe por processos e projetos de corpo, uma mulher que se torne mulher, para usar o aforismo de Simone de Beauvoir. Aí corpos como os das mulheres trans*, corpos que se reveem e se reconhecem como mulheres, não cabem na definição de mulher desses grupos, cujas vozes se tornam dominantes e, não raras vezes, na presença nos partidos políticos de centro (centro-direita ou esquerda) e misturadas nas políticas públicas, como no caso do Estado espanhol. Seria muita ignorância da produção dos estudos e teoria trans se não falássemos aqui de cisnormatividade a gerar esses processos de reconhecimento de uns corpos como mulheres e a falta de reconhecimento de outros corpos, que se tornam mulheres, num processo de devir. Como diz Judith Butler (1986), reinterpretando o legado de Beauvoir, nada garante que esse corpo que se torna mulher tenha sido todo o tempo reconhecido como mulher.

Por que começar esta resenha com essa acrimónia? Várias formas de feminismos aparecem associados com discurso de ódio, anti pessoas trans* e anti trabalhadorxs do sexo. Basta ver no caso do Estado espanhol a estranha relação de algumas feministas com a extrema direita e com a garantia de que a extrema direita manterá a ordem de género contra as ameaças daquilo que os setores mais extremistas do cristianismo chamaram ideologia de género, numa

¹ Investigador do Centro de Investigação e Intervenção Social do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Doutor em Psicologia Social. Email: joao.m.oliveira@gmail.com.



estranha união entre evangélicos e católicos reacionários, movimento anti escolha e grupos conservadores (JUNQUEIRA 2018). Então, no meu entender, o feminismo torna-se também um campo de batalha onde esta luta vai ser travada por via de uma tentativa de fixar a categoria mulher num significado que reduza a sua amplitude por forma a excluir todas essas formas outras de ser mulher. Obras como a que demoro a apresentar nestas linhas tratam precisamente de revidar essas políticas, implodindo a régua e esquadro desses feminismos de traçar fronteiras, de riscar determinados corpos trans* e não binários do manto diáfano do feminismo, prática que tenta exercer a exclusão e privilégio epistémico de corpos cis sobre as mulheres trans*.

O livro de Gracia Trujillo vai precisamente posicionar-se nesses debates sororídicos dentro do feminismo, sobretudo espanhol, mas também em outros países. O livro faz um ponto de situação nos debates a partir de uma mirada específica, que tenho o prazer de compartilhar com a autora, a do feminismo queer. Queer que foi transformado também por essas mesmas feministas sororídicos, as tais que não admitem que uma mulher trans* seja uma mulher, por efeito de algum privilégio epistemológico só delas conhecido e desconhecido do resto da humanidade, em signo de guerra e combate. Pegando na letra de *Vaca Profana*, de Caetano Veloso, trata-se de um feminismo que quero chamar de *mala leche*. Um leite mau, uma carece, um rancor, uma tentativa de colar um feminismo branco e elitista – na realidade uma posição de classe racializada num sistema de privilégio e opressão - e fazê-lo passar como defesa dos interesses das mulheres, um certo feminismo de igualdade que, no entanto, não a estende a pessoas trans* nem entende que as mesmas possam ser incluídas nesse grupo de mulheres. E que tem servido para que as mesmas mulheres de sempre brancas e de classe média possam quebrar os telhados de vidro, subindo a cargos de representação política, à custa das mulheres racializadas e migrantes e de classe trabalhadora na base da pirâmide. Por isso, também serem formas liberais de feministas, viciadas na exploração de outras mulheres para criar “protagonistas”. Ou os feminismos de setor trans-excludente, mais interessados em criar verdadeiros espaços de pureza de género do que em operar com uma ideia de feminismo que visa expandir e alargar os limites do que conta como humano, presente na teoria queer e na teoria da performatividade do género.

Quero mostrar uma certa continuidade entre essas formas de feminismo que agrupei aqui como *mala leche*, por serem sobretudo interessadas numa certa inclusão das mulheres em projetos de igualdade e de justiça social, mas com uma tentativa sempre explícita em definir quem pode integrar ou não essa categoria e por isso assumir uma forma excludente. Como mostra a obra de Trujillo, esse queer controvertido e apresentado como um sinal do apocalipse por esta estranha união entre auto-declaradas feministas - na realidade trans-excludentes - e



forças da ultradireita, trata-se sim de um sinal de coalizão e aliança para lá do binarismo de gênero. É a partir dessa proposta que Trujillo vai contar uma história de outras possibilidades e de outras linhas de fuga, que constituem esse manancial de possibilidade constituídos no feminismo queer e cuir na América Latina. Assim aponta antes para formas verdadeiramente interseccionais de feminismos e de teorização e mobilização cuir. Então, numa jogada que reúne contributos tanto dos feminismos negros e latino-americanos como da teoria queer/cuir, Gracia Trujillo apresenta-nos à dinâmica das pedagogias queer, ideia que vai creditar inspiração a bell hooks e a Paulo Freire, juntxs e misturadx no treino da imaginação para a performance epistemológica que constituem o espaço de pensar queer.

Trujillo denuncia também uma certa simplificação de alguns trabalhos ou comentários ativistas sobre uma teoria queer apresentada em alguns setores a partir da chave de que todo o queer é branco, elitista e gay. Alguns dos principais fundamentos teóricos e políticos do queer ficam invisibilizados nessa simplificação, como são exemplo a dimensão da interseccionalidade das lutas feministas e queer com o movimento anti-racismo, os movimentos de mulheres latinas, migrantes e algumas das suas mais importantes contribuições e autoras que Trujillo recupera, como Cherrie Moraga, Audre Lorde, Glória Anzaldúa, entre outras, exemplos interessantes e importantes fundamentos da teoria queer que não são nem brancas, nem homens gays, nem necessariamente elitistas. Como afirma a autora, esquecer dos contributos de autorxs e ativistas muito distintxs que releem o queer, ignorando as leituras latinas, dos movimentos de rua, 15M e Occupy, feministas, *quare* e *queer of color*, contribui para invisibilizar produções queer não brancas ou não anglo-hegemônicas.

A todos esses trabalhos esta obra recupera, repolitiza e re-apresenta, dando igualmente a atenção ao permanente dinamitar de fronteiras dos essencialismos como contributo feminista queer. Esses pensamentos e ações são fundamentais para combater as formas excessivamente limitantes advindas das formas de feminismos trans-excludentes, os tais que têm a certeza revelada ou auto-evidente do que é uma mulher. Então, Gracia Trujillo oferece-nos um panorama de um feminismo (queer) que seja realmente a casa de todas, todxs e todes e parte precisamente dessa premissa. Uma ideia de uma proposta anti-racista, anti-classista, anti-capacitista e anti-etarista, de esquerda e que esteja aberta a acolher toda a gente nesta casa. Na verdade, uma política e uma casa em comum, a criação de espaços que permitam a expressão das diferenças e se foquem nos problemas que temos em comum e como os podemos resolver, mais do que num foco exclusivamente identitário. Assim, o livro abre possibilidades de ressignificar e ressituar várias lutas e narrativas dentro do feminismo para construir esse espaço comum, de *buena leche* – antídoto contra la *mala leche* - de construção do comum e não apenas na defesa dos interesses



de um único grupo. Um feminismo queer, cuir, que recuse as *sex wars* e a estigmatização das trabalhadoras do sexo, a que Trujillo também alude, criando um espaço feminista queer para todas. Fazer do feminismo uma grande casa e não mais a casa grande.

Referências

BUTLER, Judith. Sex and gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. *Yale French Studies*, n. 72, p. 35-49, 1986.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Rev. psicol. polít.*, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.

